

A CAPITANIA DE MATO GROSSO E SUAS RELAÇÕES COM AS MISSÕES JESUÍTICAS DE CHIQUITOS NO SÉCULO XVIII

Leny Caselli Anzai – UFMT

Desde inícios do século XVI que parte das terras que vieram a se constituir, em 1748, o território da capitania de Mato Grosso, já vinham sendo visitadas por navegadores e cronistas espanhóis. No entanto, a constatação da inexistência, nesse espaço, de metais preciosos, e a concomitante descoberta de riquezas minerais no espaço andino, fizeram com que o colonizador espanhol se desinteressasse pela região, até então parte integrante dos domínios conferidos por Tordesilhas à Espanha.

A atitude de desinteresse durou até que os castelhanos perceberam o movimento monçoeiro paulista na bacia do rio Paraguai, fato que já vinha acontecendo, mas que despertou a atenção dos espanhóis a partir da descoberta do ouro de Cuiabá, em 1719, quando, para chegar até as minas, luso-brasileiros utilizavam-se dos caminhos fluviais da área chamada pelos integrantes das monções de "Pantanal", e pelos espanhóis de "Laguna de los Xarayes".

A partir de então, a disputa pelo território se acirrou, pois além de possibilitar acesso às riquezas andinas através do rio da Prata ou pelo rio Paraguai, também poderiam ser alcançadas outras vias fluviais da bacia do Guaporé, o que possibilitaria a comunicação mais fácil entre o Mato Grosso e o Pará, rota considerada importante pelas duas metrópoles.

O ouro de Cuiabá gerou entusiasmo, mas à sua diminuição sobreveio o desânimo. Escravos negros não eram repostos, e a vinda de novos mineradores diminuía. No entanto, a descoberta de minas auríferas no vale do Guaporé reavivou os sonhos de riqueza e promoveu um deslocamento substancial de pessoas de Cuiabá em direção às novas minas.

A importância da riqueza mineral, e a situação delicada de fronteira fizeram com que o Conselho Ultramarino deliberasse pelo desdobramento da Capitania de São Paulo, criando outras duas: a de Mato Grosso e Cuiabá, e a de Goiás, através do Alvará de 9 de

maio de 1748. Em relação a Mato Grosso, a ordem real era enfática: “que se procure fazer a Colônia de Mato Grosso tão poderosa que contenha os vizinhos em respeito e sirva de antemural a todo o interior do Brasil”¹.

Logo após a assinatura do Tratado de Madri (1750), quando as minas do Mato Grosso já não estavam mais em seu auge, chegou o primeiro capitão-general, Antonio Rolim de Moura (1751), com a missão de organizar administrativa e militarmente a capitania e fundar uma cidade. Desse modo, em março de 1752, foi fundada Vila Bela da Santíssima Trindade, servindo de baliza, à margem direita do rio Guaporé, ponto estratégico entre as duas possessões ibéricas.

O núcleo urbano passou a abrigar uma população de burocratas, tornando-se também sede militar da capitania; o ato político de fundação da cidade assegurava a Portugal a posse de Mato Grosso e de parte da bacia amazônica, já legalizada pelo Tratado de Madri, consolidando a ocupação do extremo - oeste nas possessões luso - americanas². Desse modo, a capitania situada na raia oeste da América Meridional foi formada pela comarca de Vila Bela da Santíssima Trindade e pela comarca de Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá³. Com uma superfície de 65 mil léguas quadradas, limitava-se ao norte com o Grão – Pará, ao sul com a capitania de São Paulo, e a oeste com as possessões espanholas. Em seu território conviviam grupos humanos transplantados à força, como os escravos negros, índios forçados a migrações que extrapolavam seus territórios tradicionais, brancos pobres que se lançavam por caminhos mal traçados e quase sempre pouco conhecidos, em busca de fartura de terras, ouro e alimentos, empurrados pela falta de perspectivas em outras partes da colônia, administradores que tentavam se adaptar a uma vida rústica, grupos de cientistas trabalhando na delimitação das fronteiras nos difíceis caminhos coloniais.

Tomando como ponto de observação a vila capital, Vila Bela, na segunda metade do século XVIII, na outra margem do rio, a esquerda, pouco distantes da raia portuguesa, também estrategicamente plantadas estavam as missões jesuíticas espanholas de Moxos e Chiquitos, fruto do cuidado castelhano em proteger suas terras do interior da ameaça

constante de ocupação por parte dos capitães gerais portugueses.

As missões jesuíticas originaram-se da solicitação feita pelo governador de Santa Cruz a ordens religiosas, em fins do século XVII, para que trabalhassem na pacificação de grupos indígenas e também na sua proteção contra mercadores de escravos. Os padres da Companhia de Jesus – que já no final do século XVI haviam fundado os principais colégios jesuítas na América espanhola –, interessaram-se pelo trabalho de evangelização e dirigiram-se às áreas do atual Oriente boliviano, em fins do século XVII. Os padres da Companhia escolheram pontos estratégicos para o estabelecimento de dois grupos de missões, Chiquitos e Moxos, ambos próximos a rios navegáveis, organizadas nos mesmos moldes das missões Guaranis⁴.

A administração espanhola apoiou o estabelecimento de missões em postos avançados, e o zelo missionário auxiliou na tomada de posse de regiões distantes e politicamente importantes ao Estado espanhol. A organização das missões, pois, não se desenvolvia à margem da esfera da administração colonial espanhola, nem em contradição com o sistema de governo da Coroa. Jesuítas foram indicados pelas autoridades coloniais através de ordens reais, e recebiam toda a ajuda necessária para a criação das reduções, situação que se manteve até meados do século XVIII. A Companhia fundou quinze missões em Moxos e dez em Chiquitos. A população de Moxos alcançou cerca de trinta mil habitantes, e a de Chiquitos cerca de vinte mil.

Interessam-nos, neste estudo, as missões jesuíticas que foram estabelecidas na província de Chiquitos, que atualmente corresponde a cinco províncias do Departamento de Santa Cruz de la Sierra⁵. Dentre estas, as reduções que mais contatos mantiveram com a capitania de Mato Grosso, foram aquelas situadas na atual província de Velasco: San Ignacio, Santa Ana, San Rafael, e San Miguel.

Até a chegada dos jesuítas em sua região, os Chiquitos haviam tido muito pouco contato com o conquistador espanhol, se comparados aos Guaranis. A palavra “chiquito”, pequeno, designava os vários grupos localizados entre os 14° e 19° de latitude Sul, no Oriente boliviano, zona de transição entre o Chaco Boreal e as selvas pantanosas que se

estendem desde o Amazonas. Povos do planalto, foram assim chamados devido à suposição de que se tratava de uma povoação de pessoas pequenas, devido à pouca altura das entradas das casas, que, na verdade, era para evitar a entrada de mosquitos. A denominação "chiquitos" refere-se genericamente a povos muito diferentes entre si, o que torna difícil a construção de um panorama etnográfico para a região. O Oriente boliviano se estende desde os últimos contrafortes da Cordilheira dos Andes a leste, até à fronteira com o Mato Grosso, no Brasil; ao norte, se estende do rio Madeira e Abuná até as planícies do Chaco Boreal, ao sul. Do ponto de vista administrativo, as missões de Moxos dependiam da província jesuítica do Paraguai, e a de Chiquitos, do Peru, até 1776, quando então passaram a depender do Vice-Reino do Rio da Prata, ambas pertencentes à bacia do Paraguai, passando por Chiquitos o divisor de águas das duas maiores bacias hidrográficas da América do Sul: a do Amazonas e a do Prata⁶.

Por esse motivo, jesuítas espanhóis também tentavam passar para a margem direita do Guaporé, estratégia para se alcançar o rio Paraguai. Havia também o desejo dos inicianos em atravessar o Chaco de norte a sul, até chegar ao Pilcomayo, consolidando as possessões da província de Chiquitos. Por isso a fundação de San Inacio, no centro do Chaco. A região de Chiquitos seria o ponto chave para o domínio da bacia do Paraguai e a comunicação de Mato Grosso com o alto Peru e o Amazonas. Os jesuítas obtiveram excedentes que comercializados por eles próprios, aumentaram a riqueza da Ordem e os recursos econômicos das áreas ocupadas.

Até 1732 as missões consumiam produtos de Santa Cruz de la Sierra, e produziam artigos exportáveis. A partir dessa data passaram a plantar milho e algodão, e os índios foram treinados em ofícios diversos. Quanto à língua, devido à heterogeneidade cultural em uma mesma povoação, os religiosos estabeleceram para as missões situadas ao norte a língua de Moxos, e a de Chiquitos para as do sul. As escolhas recaíram sobre as línguas que eram as mais faladas em cada uma das regiões para facilitar o trabalho de evangelização.

O trabalho dos índios administrados por jesuítas tornavam as missões praticamente auto-suficientes, e sua proximidade da fronteira tornavam-nas extremamente atraentes aos moradores e administradores da margem direita do rio, os luso-brasileiros.

As milícias indígenas organizadas pelos jesuítas nas missões salvaram extensos territórios para a coroa espanhola, exercendo, índios e jesuítas, um importante papel no processo de ocupação territorial espanhol; ao firmar sua missão evangelizadora, os jesuítas acabaram por assumir também papel defensivo do território espanhol.

Os problemas da Companhia de Jesus se avolumaram, e culminaram com a expulsão da Ordem dos territórios lusos em 1759, dos franceses em 1762, e dos espanhóis em 1767. A expulsão criou um problema grave, que foi a determinação de como deveriam ser administradas as reduções. Passou-se a um governo de curas doutrinadores, considerados despreparados para o trabalho. A partir de então é que supomos que o contrabando tornou-se uma prática corriqueira entre a capitania de Mato Grosso e as missões localizadas mais próximas à fronteira.

O acesso a Chiquitos era relativamente fácil para os sertanistas brasileiros. A Vila de Cuiabá, em momentos de crise de abastecimento, tentou três rumos de comunicação para se abastecer: uma terrestre para Goiás, uma para noroeste, pretendendo chegar ao Pará, e outra para o oeste, abrindo caminho para Chiquitos, que poderia abastecer as minas com gado vacum, cavalar, e tecidos. Além do mais, através de Chiquitos se poderia chegar a Santa Cruz de la Sierra, onde se abasteceriam de instrumentos agrícola, de mineração, sal e gêneros alimentícios. Considere-se também que Chiquitos estava mais próximo às vilas da capitania de Mato Grosso do que São Paulo, Pará ou mesmo Goiás.

A expulsão dos jesuítas das missões espanholas, em 1767, e a sua substituição por padres seculares, levou a que índios procurassem abrigo em território português, atraídos por ofertas dos capitães gerais, interessados em povoar com eles as áreas fronteiriças. No termo da fundação de Vila Maria do Paraguai, sob governo de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em outubro de 1778, consta que a povoação da vila começou com casais de índios castelhanos desertados da província de Chiquitos, “que fazem o número de

78 indivíduos de ambos os sexos a que juntam-se todo o outro número das mais pessoas congregadas para o dito fim faz o total de 161 indivíduos de ambos os sexos”⁷. Em novembro do mesmo ano Luiz de Albuquerque enviava carta ao secretário de Estado Martinho de Melo e Castro, remetendo o termo de fundação da vila e confirmando a presença chiquitana: "... pude congregar mais de sessenta índios castelhanos de ambos os sexos que havia três meses desertaram da missão de São João de Chiquitos”⁸.

É esse universo múltiplo, do qual fazem parte as missões jesuíticas de Chiquitos, que reclama por reflexões que levem à produção de novos conhecimentos.

¹ Parecer do Conselho Ultramarino: Antecedentes do Tratado - t. II, Doc.16. *Apud* Correa Filho, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. p. 304.

² GOES FILHO, Synesio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 152.

³ Ao território da capitania de Cuiabá e Mato Grosso correspondiam os atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e Rondônia.

⁴ MORENO, Alcides PAREJAS. *Chiquitos: historia de una utopia*. Santa Cruz de la Sierra: Imprenta Sirena, 1992. p. 65-66.

⁵ FINOT, Enrique. Enrique. *Historia de la conquista del oriente boliviano*. La Paz: Libreria Editorial Juventud, 1978. pp. 336-341.

⁶ Administrativamente, o Oriente boliviano é composto pelos atuais departamentos de Pando, Beni, e Santa Cruz, parte dos de La Paz e Cochabamba, o que perfaz mais de 50% do atual território boliviano. Este território pode ser dividido em três subáreas: planícies de Moxos, a Chiquitania ou província de Chiquitos, e a Cordilheira de Chiriguano. Cf. MORENO, Alcides Parejas. *op. cit.* p. 19.

⁷ Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR/UFMT, mf. 273 – AHU.

⁸ Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR/UFMT, mf. 274 – AHU.